

## **Arrogância e Prepotência são características que prejudicam a liderança e limitam os horizontes.**

A AEEL alinhada linha com as suas disposições estatutárias e seu histórico de lutas, segue firme na defesa legítima e incontestada da Eletrobras e de seus trabalhadores e trabalhadoras. Defendemos uma Eletrobras pública e voltada para os interesses da sociedade brasileira.

No dia 11/12 p.p., seguindo seu périplo midiático para vender sua proposta de privatização da Eletrobras, o Sr. Wilson Pinto Junior, deu entrevista aos jornalistas Felipe Gutierrez, Igor Utsumi e Ivan Martinez-Vargas, do jornal Folha de São Paulo, que recebeu a seguinte chamada: ***"Privatização da Eletrobras junto de eleição não assusta investidor, diz presidente"***.

**Abaixo, as perguntas formuladas pela Folha com as respostas do Sr. Wilson Pinto Junior devidamente comentadas.**

### ***"Folha - Quanto a privatização vai levantar?"***

***Wilson Ferreira Jr. - O valor vai depender das condições que vão colocar para as cotas. O que o governo colocou no Orçamento, e não é necessariamente só a descotização, foram R\$ 12 bilhões. Aí pode ter a perspectiva de que outras usinas que vão vencer lá na frente, por exemplo, Tucuruí, possam também ser antecipadas, mas é mera especulação. Não posso saber disso. Vou ser quem, ao preço que eles derem, terá de calcular se ele será bom ou não para a companhia.***

*Como o meu "equity" [ativo] é a descotização, eu vou pagar para ter um direito, e quem vai ceder esse direito é o governo, que não vota na assembleia. Se eu colocar R\$ 200 [MWh], vou ter de vender acima disso. Duvido, deve colocar mais baixo..."*

### **Comentário:**

A resposta do Sr. Wilson Pinto Junior comprova que ele enxerga os negócios da empresa como um mero comércio – ele a pensa com a cabeça de comerciante ou dono de padaria, focando tão somente na geração de receitas, impostos, lucros e dividendos e ponto final. Questões estratégicas, geopolíticas, segurança energética, modicidade tarifária e preocupações com os consumidores não orbitam em sua mente, que está obcecada na privatização da Companhia.

Os números (R\$ 12 bilhões, R\$ 200 MWh, etc) não dizem muita coisa! O que realmente fala alto nesta questão é que teremos "energia velha e já amortizada", sendo comercializada como nova fosse, ou seja, energia mais cara sendo jogada no mercado consumidor.

Segundo informações divulgadas pelo MME, a Eletrobras possui cerca de 14.000 MW (amortizados e cotizados) que serão descotizados e grande parte dessa energia será comercializada no mercado livre.

### **Algumas perguntas simples:**

Quanto custaria construir e colocar em operação hoje os cerca de 14.000 MW (quase uma Itaipu) destinados à descotização? Quanto 14.000 MW produzirá anualmente em MWh? Qual o tamanho da receita a ser obtida anualmente com essa produção? Quem afinal pagará a conta?

### **"Folha - Quanto?"**

**Wilson Ferreira Jr.** - *Não sei, R\$ 150, R\$ 140, mais baixo, que seja factível colocar no mercado livre, em condições de satisfazer o negócio e não aumentar a tarifa."*

#### **Comentário:**

O negócio é tão bom, que para ele, qualquer número serve! Então ratificamos a pergunta: Qual o preço justo, para o consumidor, de 1MWh de energia amortizada? Qual o **valor** e peso desse mesmo 1MWh dentro da política tarifária nacional? Qual o **valor** desse 1MWh em épocas de escassez e sendo comercializado no mercado livre.

### **"Folha - Qual será o ritmo da descotização de 14 das hidrelétricas?"**

**Wilson Ferreira Jr.** - *Haverá, provavelmente, um prazo para descotizar, já ouvi de três a cinco anos. Se tirar de uma hora para outra todas as cotas, não será bom para o mercado. Hoje há nas distribuidoras alguma sobrecontratação. Então, fazendo a um ritmo ponderado, permitirá que elas se beneficiem porque vão reduzir a sua sobrecontratação [há uma compra de cotas obrigatória, para garantir que haja energia para atender ao mercado, com alguma reserva."*

#### **Comentário:**

A cada fala o Sr. Pinto Junior deixa nítidas as artimanhas que estão por trás dos processos de descotização e de privatização da Eletrobras, vejamos: como a proposta representará aumentos significativos nas tarifas, eles pretendem parcelar a maldade para não chamar a atenção dos consumidores, mas o certo é que a conta virá e será salgada – isso não se tem dúvida! O mais interessante é a esperteza de fazer a descotização e destinar boa parte dessa energia para comercialização no mercado livre e de curto prazo. Aquela energia que, de certa forma, socorria o mercado regulado em momentos de crise hidrológica e de escassez, passará a ser vendida a peso de ouro! A aberração das aberrações! Os parlamentares, representantes do povo, devem ficar atentos às entrelinhas e artimanhas embutidas no PL que será enviado ao Congresso Nacional.

### **"Folha - Quando no segundo semestre vai ocorrer a operação?"**

**Wilson Ferreira Jr.** - *Emissão é feita não quando você quer, mas quando quer quem compra. Será feita numa janela dos investidores no segundo semestre, na volta das férias americanas. Entre setembro e dezembro..."*

#### **Comentário:**

Em agosto de 2017, o ministro Fernando Coelho Filho, seu secretário-executivo Paulo Pedrosa (aquele citado pelo *The Guardian*) e o Sr. Pinto Junior, reuniram a imprensa e anunciaram com pompa e circunstância que a Eletrobras teria o seu CAPITAL DEMOCRATIZADO, fugindo da palavra PRIVATIZAÇÃO – não queriam assustar a sociedade.

Agora, o Sr. Pinto Junior, informa que a famosa “democratização de capital” não é para brasileiro não, é para “gringo”. Será que o brasileiro só serve para pagar a conta dessa concertação maquiavélica, onde: os acionistas minoritários ganham muito; o governo se ilude e abre mão de suas prerrogativas e controle e os consumidores pagam mais.

Outra razão para que a “democratização” seja focada nos “gringos”, decorre do fato de o Grupo 3G, de Jorge Paulo Lemann, e o Sr. Juca Abdalla, do Banco Clássico, já serem, atualmente, os maiores acionistas minoritários da Eletrobras – eles querem que a pulverização ocorra prioritariamente lá fora, para que eles possam, tranquilamente, controlar a “Corporação” aqui dentro. Nessa brincadeira, a Eletrobras, deixará de ser uma estatal e passará a ser um “oligopólio” dominado por aqueles que fazem parte do seleto grupo dos 6 brasileiros, isso mesmo 6, que detêm a mesma riqueza que 100 milhões de brasileiros – distorções do capitalismo selvagem, que nascem a partir de processos como esse da Eletrobras e do Setor Elétrico, não é a toa que essa jogada vem sendo chamada com “O negócio do Século”.

***“Folha - Época de eleição não preocupa o investidor externo?”***

***Wilson Ferreira Jr. - Nem o estrangeiro e nem o brasileiro. Se tem uma oportunidade de um negócio em uma companhia, não tem nada a ver com eleição.”***

**Comentário:**

Sr. Pinto Junior, suas colocações cabem perfeitamente para uma companhia privada, não estatal, que não atue com serviços públicos e não possua capilaridade nacional. Neste caso, pode ser que os debates eleitorais, realmente não venham influenciar em nada as oportunidades de negócio. Agora, no caso da Eletrobras, é diferente, pois estamos falando da maior empresa de energia elétrica da América Latina, concessionária de serviços públicos, empresa estatal, que possui capilaridade nacional, que detêm significativa parte da geração, transformação e transmissão de energia e, mesmo com todas as dificuldades e problemas regulatórios, cumpre sua missão perante a sociedade e apresenta resultados positivos.

É ledô engano, querer tratar a Eletrobras como uma empresa privada qualquer, onde os interesses dos dirigentes e acionistas são superiores aos interesses da sociedade. Um exemplo a ser verificado é a situação da CPFL, que era privada e foi vendida para os chineses – hoje uma estatal chinesa operando dentro do Brasil. Contradição: Estatal brasileira explorando serviços públicos de energia não pode, estatal chinesa pode!

***“Folha - Mas podem querer alegar insegurança para baixar preço?”***

***Wilson Ferreira Jr. - O negócio de infraestrutura é de 30 anos. Não tenho dúvida de que haverá interesse porque são as últimas [usinas]. Depois delas, o mapa fica quase completo.”***

**Comentário:**

Neste ponto, concordamos integralmente com o Sr. Pinto Junior, trata-se de *filet mignon*, um “negócio da china” - usinas amortizadas, produzindo energia velha, que será vendida a preços de nova e com sinal verde para comercializações no mercado livre de curto, médio e longo prazo.

Realmente o mapa está quase completo, razão dos atropelos para viabilizar o negócio a qualquer custo!

O que mais assusta nesse processo todo é a pressão, a pressa e a sangria desatada para que os projetos sejam aprovados de qualquer jeito, sem muitas discussões e questionamentos por parte dos parlamentares – algo jamais visto na história do país!

Só que os Deputados Federais, Senadores e Governadores estão atentos a tudo, compreendem os reais objetivos das propostas e questionarão cada ponto dos projetos de lei, buscando o melhor para o país e para os consumidores.

***"Folha - Se houver um candidato considerado extremista pelo mercado na liderança, poderá prejudicar a transação?"***

***Wilson Ferreira Jr. -*** *Você me responda: e se não fizer? Você vende usina a usina. Se vender uma a uma, o que ocorre com a Eletrobras? Perde 14 usinas, quase 1/4 da nossa capacidade e fica com todos os custos e os problemas, os financiamentos, as discussões judiciais... [A Eletrobras] aguenta? Duvido."*

**Comentário:**

***"O poder quando exercido com arrogância e prepotência, turva a visão e afugenta a inteligência."*** (Autor Desconhecido).

Neste contexto, a recuperação e fortalecimento da Eletrobras passa por uma análise criteriosa de seus problemas (fraquezas, deficiências, ofensores externos, impactos regulatórios e as possíveis ações mitigadoras), valorização de suas potencialidades e busca de alternativas que contemplem os interesses de todas as partes interessadas, com destaque para os voltados para os consumidores.

Não é novidade para ninguém, que o setor elétrico brasileiro está com sérios problemas regulatórios, desequilíbrio econômico financeiro e um modelo setorial que necessita de reformulação. E não é com operações casadas (descotização BR e "democratização USA") que esses problemas deixarão de existir!

Como bem disse o Sr. Pinto Junior, a Eletrobras já está caminhando rapidamente para atingir baixo índice de endividamento (4,1 vezes, com viés de baixa).

Imaginem se somarmos a esse baixo nível de endividamento todas as potencialidades da Companhia (capilaridade nacional, capacidade técnica reconhecida e domínio de praticamente todas as fontes da matriz energética). Feito isso, a Eletrobras poderá continuar liderando o setor, sem a necessidade de vender ativos e nem se submeter a uma desconfiguração em troca de alguns reais do capital privado.

Os horizontes da Eletrobras são magníficos, faltando-lhe apenas uma gestão séria e comprometida com os interesses e futuro da Companhia.

***"Folha - E a dificuldade política?"***

***Wilson Ferreira Jr. -*** *Entendo que os grupos de interesses estejam articulados, faz parte da democracia. O sindicato deve ter os deputados que se alinham com as posições dele. Deputados ou governadores que entendem que têm direito extrapatrimonial na companhia,*

*se não tem ação na companhia. Entendo que é uma empresa importante em algumas regiões e que queiram ter posição diferente."*

*Mas e os 200 milhões de brasileiros que teoricamente são donos da companhia? Que no ano passado viram que o Estado teve de aportar R\$ 3 bilhões na companhia para ela não quebrasse? Que saíram da conta de saúde, educação. Poderiam estar lá, e não conosco. O governo tem 60% da companhia, que não paga dividendo e nenhum centavo de imposto.*

*A AES Tietê, a Tractebel, fazem a mesma coisa, têm lucro, pagam dividendo aos acionistas, e Imposto de Renda para o governo. A Oi entrou em recuperação judicial com 6,2 vezes o Ebitda. Estávamos em 9 vezes, reduzi para 4,1 no último trimestre."*

### **Comentário:**

Como dito acima, a Eletrobras é uma empresa estatal da sociedade brasileira, onde 60% de seu capital pertence aos 200 milhões de brasileiros! Portanto, é completamente legítima a preocupação e posicionamento de Deputados, Senadores e Governadores quanto a futuro da Eletrobras.

Não é correto querer considerar a Eletrobras uma empresa privada, antes de uma eventual privatização!

Não é correto permitir que um grupo de acionistas minoritários capture a gestão da Eletrobras e, utilizando os seus recursos, coloque em prática um plano para a uma privatização a toque de caixa.

Não é correto e nem honesto falar do aporte de R\$ 3 bilhões, sem falar das indenizações da MP-579/12; sem falar dos custos das distribuidoras; sem falar dos custos com empréstimo compulsório; sem falar dos empreendimentos estratégicos, com Taxas de Retornos irrisórias, voltados para viabilizar a política e planos de expansão do poder concedente (MME e Aneel).

Os exemplos AES Tietê e Tractebel não são bons, não são representativos e nem servem como base comparativa, uma vez que ambas são originárias de ativos estatais e só operam em condições de "céu de brigadeiro", não enfrentaram pedreiras e nunca vão cumprir um papel semelhante ao da Eletrobras. A Tractebel nasceu a partir de ativos prontos da Eletrosul e comercializa quase a totalidade de sua energia no mercado livre e, em casos de novos empreendimentos (energia nova), só entram se houver a parceria garantidora da Eletrobras.

Quanto ao endividamento da Eletrobras, reduzido de *9 vezes* para *4,1 vezes* no último trimestre – isso comprova a potência que é a nossa Eletrobras, que mesmo com todas as dificuldades e ataques ao seu caixa, consegue se reerguer e contribuir com o país. Desta forma, o povo brasileiro não precisa "democratizar capital no exterior" e nem vender ativos importantes da Companhia. Liderança forte e comprometida, isso que a Eletrobras necessita!

***"Folha - A venda de seis distribuidoras nas regiões Norte e Nordeste vai ficar para depois de abril?"***

***Wilson Ferreira Jr. - Não, saem em abril. A Eletrobras vai ter de assumir o patrimônio líquido negativo delas para cada uma das seis valer R\$ 50 mil. O investidor que se***

*comprometer a cobrar menos levará. No dia, o vencedor terá de depositar 30% do investimento a ser feito em cinco anos."*

### **Comentário:**

Para as colocações acima, usaremos alguns ditos populares para retratar o que isso representa: *"galinha morta!"; "mamão com açúcar!"; "de graça até injeção na testa!*, ou seja, compram as empresas distribuidoras por meros R\$ 50 mil (não é milhões, é mil mesmo), deixam um monstruoso patrimônio líquido negativo nas costas da Eletrobras, aumentam as tarifas, demitem trabalhadores e com isso, conseguem um excelente negócio com balanço limpo e no azul e, de quebra, depositam os 30% dos investimentos programados para 5 anos. Conforme item 31 da nota do MME, esse patrimônio líquido negativo abarcará: a) R\$ 11,2 (dívidas) + c) R\$ 15,8 bi (dívida com a Petrobras), algo em torno de R\$ 27 bilhões, caso os números do ministério estejam corretos. É esse montante de dívida que a Eletrobras terá que assumir para limpar os balanços das distribuidoras e viabilizar a venda aos ávidos empresários privados.

### **"Folha - Chesf e Furnas ficarão de fora?"**

**Wilson Ferreira Jr. - Nada fica de fora. A empresa que faz sentido existir é uma holding com suas quatro principais operações: Chesf, Eletronorte, Eletrosul e Furnas. É a sinergia da holding e o tamanho dela que fazem sentido. Já vamos ter de tirar Eletronuclear e Itaipu.**

*O projeto será muito importante. Algo que não se vê: o rio São Francisco nos últimos 20 anos perdeu muita água. Só se consegue recuperá-lo se investir entre R\$ 300 milhões e R\$ 500 milhões ao ano."*

### **Comentário:**

Quanta falta faz a presença de um líder visionário e estrategista? Quanto sofre uma companhia, quando seus potenciais estratégicos são desprezados e depauperados por conta de interesses que não são os da sociedade?

Quem é inteligente e tem empresas como Chesf, Eletronorte, Furnas, Eletrosul, Eletronuclear e Itaipu, não se arrisca em aventuras mirabolantes, não joga fora suas potencialidades e não as submetem a interesses de uma meia dúzia. Parafraseando o Sr. Pinto Jr. – **"TOO BIG FOR IRRESPONSIBLE ADVENTURES!"**

A recuperação do rio São Francisco, é uma questão de Estado e as medidas mitigadoras e de inserção regional devem ser tratadas como políticas públicas – independente da venda ou não da Chesf, Furnas ou da Eletrobras. Os valores citados de R\$ 300 ou R\$ 500 milhões sairão dos lucros ou dividendos? O que adianta vender a Eletrobras, sangrar o bolso dos consumidores e dizer que está recuperando o rio? Os nordestinos sabem disso, compreendem a situação e não enxergam com bons olhos a entrega das águas do *velho chico* para uma empresa privada voltada apenas essencialmente para o lucro.

### **"Folha - O governo esperará a decisão do STF sobre valores com que geradoras arcam ao não entregar a energia contratada?"**

**Wilson Ferreira Jr. - Não sei de onde veio essa notícia, e nenhum ministro sabe. Mesmo se o governo quisesse aguardar a decisão do STF, o preço da privatização não mudaria."**



### Comentário:

Não por falta de inteligência, mas por fixação e obsessão na consecução do negócio, o vocabulário do entrevistado se limita a: vender, preço, privatização, ganho, lucro, dividendo e impostos, etc.

Palavras como cautela, precaução, zelo, cuidado, modicidade, estratégia, consumidor, valor, compromisso, dentre outras que denotam prudência, não fazem parte do vernáculo.

Pensamento de um CEO de classe mundial:

***"Qualquer técnica ou ideia, por mais válida e desejável que seja, se transforma em doença quando a mente fica obcecada por ela."***

A ideia de privatização da Eletrobras não é válida e nem desejável por ferir os interesses da sociedade, logo, a obsessão por ela se transforma em doença grave e terminal!

**Juntos somos sempre mais fortes!**

**ASSOCIE-SE A AEEL ([clique aqui](#)) OU AO SINDICATO DE CLASSE ([links nas logos abaixo](#))**

A Diretoria, em 14 de novembro de 2017.  
Associação dos Empregados da Eletrobras – AEEL

